

# A PROVÍNCIA

Semanário

INFORMAÇÃO •• CULTURA •• RECREIO



Proprietário, Administrador e Editor  
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 - TELEF. 026 467  
MONTIJO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA «GRAPEX» - TELEF. 026 236 - MONTIJO

DIRECTOR  
RUY DE MENDONÇA

## UM ANO DE TRABALHO

### Primavera da Vida de um Jornal

Nesta altura, em que a imprensa atravessa momento crítico e, esbraceja qual afogado, em procura de tábua de salvação, ou auxílio oportuno e eficiente, chegamos nós ao limiar do segundo ano, depois de 52 números editados, sabe Deus com quantos sacrifícios, com quantos dissabores e com quantas incompreensões.

Tudo isto em 12 meses! Tivemos também o reverso da medalha.

Parabéns, insetivos, e muitos e bons assinantes e anunciantes.

Isto nos leva a prosseguir, confiados em que, o caminho vai certo e nada há a corrigir ou alterar no programa traçado e posto em execução durante o ano que finda.

Muitos dos nossos êxitos se devem aos esplêndidos colaboradores que o jornal em boa hora conseguiu chamar às suas colunas e, ao quadro redactorial — abençoado e desinteressado grupo de rapazes, sempre prontos e sempre dedicados.

Alguns dos nossos artigos tiveram a honra de ser transcritos em vários colegas da imprensa portuguesa. Outros mereceram felicitações e não poucos foram alvos de espectacular crítica e interessantes debates.

Assuntos foram agitados nas nossas colunas que mereceram aprovação e grande aplauso dos nossos leitores.

Campanhas foram lançadas para progresso e prestígio desta Terra.

Não descurámos os mais importantes problemas, nem desprezámos, ou esquecemos as instituições ou colectividades.

Todos nos mereceram a atenção que os seus assuntos justificava.

Julgamos ter servido consciencie e seriamente os interesses de Montijo.

Cumprimos o melhor que pudemos e soubemos.

Um ano de trabalho! Primavera da vida de um jornal!

\* \* \*

Consideramos o primeiro ano da existência de um jornal, como a verdadeira Primavera da sua vida.



**Primeiro Aniversário**

Nesta altura se acalentam ainda grandes e profundos ideais e sinceros desejos de mutua compreensão.

Depois, com o desandar dos anos, vão abrandando nossos ímpetos, calejando o nosso arcaboço, aprendendo a dura lição da vida, e construindo para o futuro uma carapaça, inalterável e forte, capaz de arcar com todas as ingratidões, malidências e desinteresses.

Felizmente que, não nos falta coragem.

Fortes de espírito por natureza, incapazes de quebrar ao primeiro arremesso da infelicidade, dinâmicos e jovens, temos conseguido imprimir a este jornal alguns dos nossos melhores atributos e, bem acompanhados pelos muitos e valiosos colaboradores, possuímos hoje um lugar na imprensa portuguesa, conquistado por sério e incontestável trabalho, que procuraremos valorizar, não só para engrandecimento e dignidade da própria imprensa, como para elevação do nível cultural do povo da nossa terra.

Sempre fomos da opinião de que um aglomerado populacional mede o seu estado de instrução e cultura, pela melhor ou pior categoria da sua imprensa.

Montijo, não foge à regra — e felicitamo-nos, sem sombra de vaidade, pelas dezenas de documentos que em nosso poder atestam, a obra de um ano de actividade.

Recortamos ao acaso algumas opiniões sobre «A Província», insertas na imprensa portuguesa durante o ano findo:

Do diário «Democracia do Sul» — Évora — Número especial dedicado às tradicionais Festas de S. Pedro em Montijo, 36 páginas descritivas das actividades que estão engrandecendo e valorizando a vila. Um êxito em jornal provinciano.

Do semanário «Notícias do Cartaxo» — ... é um semanário de superior categoria. Todas as suas secções de informação, cultura e recreio, são cuidadas e desenvolvidas,

(Continua na página 3)



# Um Ano de Trabalho

(Continuação da primeira página)

com aspecto muito agradável...  
Do «Jornal de Elvas» —  
...Magnífico jornal de in-  
formação, cultura e recreio...  
Do «Cardeal Saraiva» —  
Ponte de Lima — ...É um  
jornal bem colaborado e de  
aspecto gráfico moderno que  
honra a terra em que se  
publica e aqueles que nele  
trabalham...

Do «Jornal de Estarreja»  
— ...É um jornal atraente  
e de selecta colaboração...  
Do semanário «Vida Ru-  
ral» — Lisboa — ... um dos  
melhores semanários apre-  
sentados nas nossas regiões...

Centenas de outras cita-  
ções poderíamos apresentar,  
não queremos no entanto  
enfasiar o leitor, queremos  
tão somente, justificar as  
palavras que deixamos escri-  
tas.

Este conversar que, o Di-  
rector, tem hoje com os seus  
leitores, é como que um  
desabafo íntimo entre uma  
grande família, em roda da  
lareira no dia de anos do  
filho mais novo.

E não ficaria bem, deixar-  
mos no olvido, os maiores  
da casa, aqueles que afinal  
dão semana a semana a sua  
brilhante colaboração, quer  
com artigos ou crónicas de  
grande mérito, quer com  
secções ou notícias de maior  
ou menor interesse.

E se vamos citar nomes,  
não podemos deixar de enca-  
beçar estas referências, com  
Álvaro Valente, apreciadís-  
simo e valoroso escritor que  
desde a primeira hora tem  
estado sempre a nosso lado;  
Dr. Cabral Adão, espírito  
brilhante e finíssimo prosa-  
dor; Manuel Giraldes da  
Silva, amigo dedicado, alma  
de idealista, formoso poeta;  
Professor José Manuel Lan-  
deiro, estudioso e dedicado  
propagandista do património  
nacional; e outros como An-  
tunes da Silva, Júlio Graça,  
Joaquim da Silva, António  
Rosado, Alves Monteiro, Dr.  
Orlando de Sousa Branca,  
Dr. Cruz Malpique, Minda  
Pires, Mário Martins, Miguel  
Alves, Pinto da Costa, A. Gar-  
cez da Silva, D.ª Eduarda  
Leite Ventura e José dos  
Santos Marques.

Profissionais da imprensa,  
nos têm dado colaboração,  
que esta simples referência,  
não pode de maneira alguma  
ser digna retribuição.  
Mas não poderemos deixar  
de falar no nome de Luís  
Bonifácio, Rollin de Macedo,  
Aníbal Anjos, José Gabriel,  
como obreiros de algumas  
das melhores páginas que  
«A Província» tem publi-  
cado.

O corpo redactorial, me-  
rece, além da referência que  
de início fizemos uma cha-  
mada especial.

A dedicação e o sacrifício

são principais ornamentos  
que os nossos rapazes pos-  
suem.

E se o nome de J. J. Caria  
é sempre saudado com inter-  
esse e simpatia, não é menos  
verdade que Manuel Lino, o  
homem que orienta os des-  
portos cá em casa, é uma  
figura que para nós se tornou  
indispensável e merecedor  
dos maiores agradecimentos.

Revelou este jornal, alguns  
jovens jornalistas desporti-  
vos — os irmãos Canarim,  
Luciano Mocho e Artur  
Lucas.

Outros nomes alinham na  
vanguarda da nossa equipa  
de trabalho, e para que o  
leitor aprecie e comente à  
sua maneira, lhe diremos que  
a juntar ao nome de José  
Estêvão da Silva Carvalho,  
útil, oportuno e valioso  
redactor, juntaremos os no-  
mes de José António Moe-  
das, um jovem incansável  
redactor, residente em Beja  
e dois irmãos Mourato Fer-  
nandes residentes em Porta-  
legre.

Do que se conclui, que as  
distâncias não contam, e que  
mais faz quem quer do que  
quem pode.

Outros nomes e outros  
valores que muito nos têm  
auxiliado, preferem modesta-  
mente ficar no anonimato.

A todos estamos sincera-  
mente reconhecidos, a todos  
agradecemos terem connosco  
percorrido este primeiro ano  
de existência.

Um ano de trabalho. Pri-  
mavera da vida dum jornal.

E, porque não queremos  
nesta hora, esquecer os do  
mesmo officio, duas sauda-  
ções amigas desejamos fazer  
— ao semanário VIDA RIBA-  
TEJANA grande paladino da  
causa do Ribatejo, brilhante-  
mente dirigido há 59 anos,  
feitos agora, pelo inteligente  
e apreciado jornalista Fausto  
Dias, que sempre em todas  
as ocasiões se tem mostrado  
para com o nosso jornal de  
cativante simpatia e camaradagem e FESTA, o grande  
semanário de todos os espec-  
táculos, primeira publicação  
do género em Portugal, diri-  
gida a primor e raro brilhan-  
tismo, pelo Gentil Marques.  
Um pouco mais nova do que  
«A Província», pois só daqui  
a semanas perfaz o primeiro  
ano de vida, FESTA, tem  
tido como que um caminhar  
paralelo e digno da nossa  
amizade. E' com sincera  
camaradagem, aliás manifes-  
tada mais do que uma vez,  
que saudamos estes cama-  
radas, juntando ao nosso  
alegre comemorar de anos,  
os seus aniversários.

Também queremos, em  
referência especial, salientar  
a boa e sincera camaradagem  
que, sempre uniu durante  
este ano, a imprensa local.

Saudamos pois com igual  
simpatia a «Gazeta do Sul»  
e o seu conceituado director  
Sr. Alves Gago, certos de  
que da mutua e boa com-  
preensão desenvolvida entre  
os dois jornais locais, resul-  
tarão prestígio e benefícios  
crescentes, para a nossa  
terra.

As últimas palavras deste  
artigo são para aqueles por  
cuja razão nós afinal existi-  
mos — os leitores — os assi-  
nantes — os anunciantes.

Sem vós, nada poderíamos  
fazer.

Por isso, vos estamos gra-  
tos e, como há um ano disse-  
mos, prontos para servir  
— para continuar a SERVIR.

## O Meu cartão

Já tem um ano «A Província»

(Com um abraço amigo, para o  
Ruy de Mandonça e Motta Pinto)

«A Província» está crescida  
Já vai dando os seus passinhos...  
E vai seguindo na Vida  
Entre estimas e carinho.

Quantos trabalhos... canseiras...  
Pelo teu sonho tens dado!...  
Mas tuas prendas palreiras  
Têm imenso agradado.

Aos teus «Papás» desvelados,  
Pelo Ano que já tens,  
— Menina dos meus cuidados!... —  
Meus sinceros parabens.

MANUEL GIRALDES DA SILVA

## Problemas do Homem Tranquilo

Há muito quem pense que  
todo o individuo deve res-  
tringir as suas despesas ao  
que ganha. Aparentemente  
têm toda a razão porque se  
se gasta mais do que se  
ganha, certamente dará mau  
resultado. Parece um facto  
consumado e lógico que não  
pode ter uma antítese, nem  
pode ser refutado. No en-  
tanto, a maioria dos indivi-  
duos procedem, precisa-  
mente, de forma inversa. A  
explicação do fenómeno é  
simples; os seus ganhos são  
extraordinariamente reduzi-  
dos em relação ao que neces-  
sitam para viver.

Numa sociedade como a  
nossa em que o nível de  
vida é já tão baixo e as  
coisas mais elementares à  
vida humana são muitas  
vezes consideradas como um  
luxo ainda quando são com-  
pradas com grandes facilidades  
de pagamento, e basta  
citar, à laia de exemplo: o  
frigorífico, o calorífero, a  
banheira (agora mais divul-  
gada nas construções moder-  
nas), o esquentador, uma  
pequena biblioteca (quantos  
são os portugueses que a  
têm?) e, porque não? As  
luvas de pele, o sobretudo,  
os botins, as peúgas de lã,  
etc., como poderá cada um  
gastar apenas aquilo que  
ganha, se, as mais das vezes,  
esse pouco nem sequer chega  
para uma alimentação razoá-  
vel, para não dizer racional  
e indispensável? De resto,  
só através de uma boa ali-  
mentação poderemos ambi-  
cionar uma raça forte e sau-  
dável.

Para aqueles que possam  
viver sem dificuldades, a  
afirmação de que se deve  
gastar somente em relação  
ao que se ganha poderá ser  
cómoda e fácil, mas certa-  
mente a encarariam de forma  
inversa se lhes estabeleces-  
sem um ordenado de 1.500  
escudos para sustentar o  
agregado familiar (ele, mulher  
e dois filhos, o mais vulgar),  
pagar renda de casa, a luz,  
a água, o gás, comprar o  
vestuário e o calçado, pagar  
ao médico e os remédios, ir  
ao cinema, ao teatro, ao

futebol, a um concerto, à  
ópera — mesmo sem trajo a  
rigor, — e deslocar-se de  
«eléctrico» para o seu  
emprego. Já não quero falar  
em procurar ter uma casa  
decente, modestamente mo-  
bilada mas que pudesse pro-  
porcionar-lhe, e à sua família,

Por

José dos Santos Marques

um ambiente acolhedor, onde  
apetecesse permanecer, em  
cavaqueira amena ou em  
meditação e estudo.

Haverá alguém, cheio de  
preocupações financeiras,  
procurando descobrir como  
governar a nau da sua vida,  
que seja capaz de se sentar  
cómodamente num simples  
«maple» de pau, sem estofo,  
e embrenhar-se em leitura  
atenta de um bom livro?  
Haverá quem, nas condições  
apontadas, seja capaz de se  
sentar à sua secretária para  
escrever algo que seja útil a  
si e aos seus semelhantes?  
Deixará este individuo de  
ser egoísta, de se preocupar  
só consigo, para dedicar-se  
aos seus irmãos, os homens?

Não creio, francamente.  
Não vejo como será possível.

Portanto, o que cada indi-  
viduo necessita é sempre  
aquilo de que precisará para  
viver sem alarde, mas viver,  
simplesmente, e mais aquilo  
de que necessitará para asse-  
gurar a sua cultura, a velhice,  
uma situação segura para os  
seus e uma boa educação  
para os filhos.

De pensamento em pensa-  
mento poderemos chegar ao  
que se poderá supor um cír-  
culo vicioso, uma cadeia que  
não é possível quebrar. Se  
vamos dar a cada individuo  
o que ele precisa, teremos  
que aumentar o custo dos  
bens produzidos, e aumen-  
tando o custo das mercadorias  
e das subsistências  
aumentaremos o custo de  
vida, e aumentando o custo  
de vida voltarão a ser escas-  
sos os ordenados. Será  
assim, de facto? Tenho pena

de não ser economista para  
achar uma solução científica  
para o caso.

O facto, porém, de ser  
«homem da rua» não deverá  
inibir-me de aventar a solu-  
ção, ou conjunto de soluções,  
que se me entolham viáveis,  
ou com certas probabilidades  
de êxito.

O que haveria, provável-  
mente, a fazer desde já seria  
desonerar a produção dos  
encargos desnecessários que  
a subjugam e asfixiam. Simul-  
taneamente intensificá-la de  
tal forma que a abundância  
fizesse reduzir sensivelmente  
o preço dos produtos de ma-  
neira a colocá-los ao alcance  
do poder de compra. Claro  
que a intensificação da indús-  
tria e da agricultura tem de  
ser racional, metodizada,  
para que se consiga real-  
mente o seu embarateci-  
mento, que não deve ser  
condicionado à lei da oferta,  
mas sim a um plano e a uma  
orgânica de produção que  
seja intrínseca e realmente  
barata, isto é, que o produto  
fique, de facto por baixo  
preço e não que a entidade  
produtora fique sem o seu  
justo lucro. Só assim se  
conseguirá prosperidade real  
e riqueza efectiva.

Poderemos, assim, estabe-  
lecer o círculo:

Maior produção — mais  
baixo custo — maior venda —  
maiores lucros — maior remun-  
eração — maior poder de  
compra.

A par da solução deste  
primeiro problema, haveria  
que racionalizar e embara-  
tecer os meios de transporte,  
acabando com todos aqueles  
que fossem dispendiosos ou  
contra-indicados. Intensifi-  
car-se-ia ainda mais, se pos-  
sível, a acção do Governo  
no aproveitamento da energia  
hídrica. A electricidade, transformada em força é sem-  
pre um elemento indisponível  
para o barateamento da pro-  
dução e dos transportes, com  
a proveitosa abolição, se  
fosse desnecessária, da im-  
portação de carvões. E um  
país bem electrificado é sem-  
pre um país progressivo.

(Continua na página 10)

E' incalculável o valor da vida humana

Inscreve-se como dador nos «Serviços de  
Transfusão de Sangue» do Hospital de Montijo

VIDA  
PROFISSIONAL

## Médicos

Dr. Alcides Cunha

Montijo — Sarilhos Grandes

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.

R. Almirante Reis, 68, 1.º  
Telef. 026 245 — MONTIJO

Dr. Eduardo Gomes

Consultas todos os dias às 17 horas.  
R. Machado Santos, 6-1.º  
Telef. 026038 — MONTIJO

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11

Das 10 às 13 e das 15 às 18 h  
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr. J. Sousa Correia

CLINICA DENTÁRIA

Dentes artificiais e consertos

Consultas todos os dias  
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas  
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr. M. Santos Cruz

Interno dos hosp. civis de Lisboa  
Doenças da boca e dentes  
Dentes artificiais  
Consultas às 2.ªs e 6.ªs feiras  
às 14 horas.

R. Bulhão Pato, 7 — Montijo

Dr. F. Sepulveda da Fonseca

INTERNO DE PEDIATRIA  
(Doenças das crianças) dos  
Hospitais Civis de Lisboa  
Passou a dar consultas todos  
os dias às 8 e às 15 horas na  
R. D. Estefânia, 81 r/c.  
Telef. 51589 LISBOA

Dr. Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto  
Português de Oncologia.  
Doenças das Senhoras  
Consultas às 3.ªs e 6.ªs feiras  
R. Almirante Reis, 68-1.º - Montijo  
Todos os dias  
Rua. Morais Soares, 116-1.º  
LISBOA Telef. 48619

## Parteiras

Felisbela Victória Pina

Parteira - Enfermeira  
Partos, injeções e tratamentos  
Rua Sacadura Cabral, n.º 50  
MONTIJO

Augusta Marq. Carneira Moreira

Parteira-Enfermeira  
Diplomada pela Faculdade de  
Medicina de Coimbra  
Rua Tenente Valadim, 29-1.º  
MONTIJO

## Advogados

Dr. Alberto Cardoso do Vale

Escritório: Praça da República, 4  
MONTIJO

Dr. Raúl Elias Adão

Montijo — Telef. 026 252  
Praça do Quebedo, 1 - r/c.  
Telef. 2240 — SetúbalTendo V. Ex.ª que efectuar  
Seguras em qualquer ramo  
não deixe de consultar

Luís Moreira da Silva

Rua Almirante Reis, 27

Telefone 026 114

MONTIJO

VIDA  
MUNICIPAL

# Montijo dia a dia

## A Praça de Touros de Montijo A Campanha do Cimento

Aqui têm hoje os nossos leitores, em 1.ª mão, por gentil deferência da «Comissão» dois aspectos da nossa Praça de Touros de Montijo.

Vamos dia a dia acalentando maiores esperanças de que a praça se edifique a tempo de ser incluída a sua inauguração nas Festas de S. Pedro de 1956.

Para isso é no entanto imprescindível que a campanha do cimento, tome

lhos de cimento para a nossa Praça.

Obrigado, rapazes da Base 6, que o vosso exemplo seja seguido, pelos nossos conterrâneos.

Em breve começaremos a publicar as primeiras listas desta campanha.

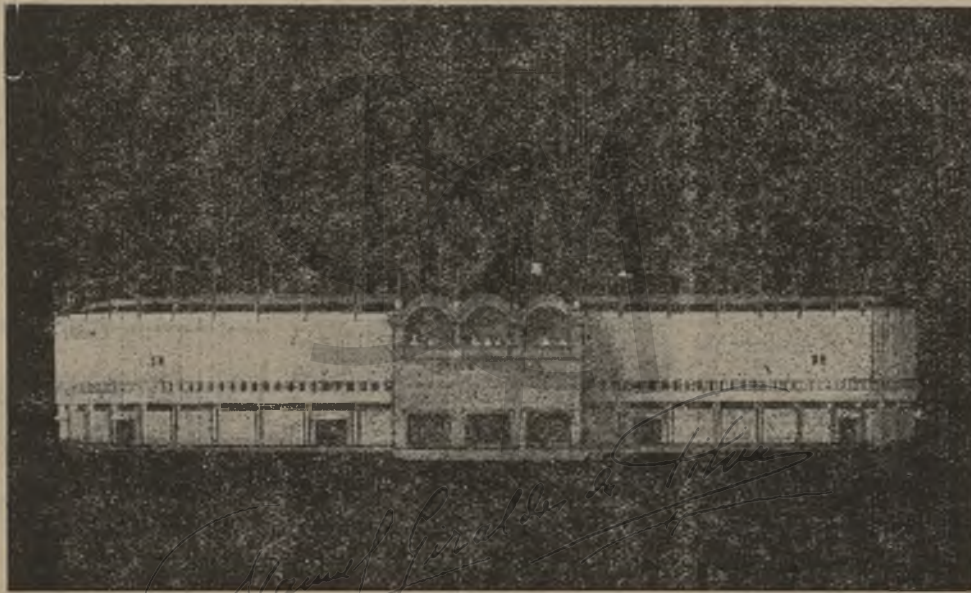
N. R.—O jornal FESTA, transcreve no seu n.º 47, parte da entrevista concedida ao jornal «A Província» pelo Sr. Euclides Rosa Carneiro, acompanhando-a de simpá-

nosso convidado de honra, possa assistir à 1.ª corrida de Touros na nova Praça de Montijo.

\* \* \*

Os nossos leitores continuam a escrever-nos, pedindo que levemos por diante a campanha iniciada e incutindo-nos entusiasmo.

Salientamos hoje em especial uma carta do velho montijense Júlio Maria da Cruz, conhecido na sua mocidade, por «O Pelicho». Ele tem



Aspecto da fachada da nova Praça de Touros, segundo o projecto do Sr. Arq. Amadeu José dos Santos

aspectos de maior entusiasmo e movimento toda a população montijense.

Nesse sentido anda a «Comissão» empenhada, tendo editado uma colecção de postais com as gravuras que publicamos, a fim de recolher donativos e ofertas para a «Campanha do Cimento».

Sabemos que lavra certo entusiasmo nalguns meios, estando a organizar-se listas para esse efeito.

E até os nossos aviadores, rapazes simpáticos e dedicados já ao Montijo, como terra sua fosse, segundo nos informam, estão promovendo a campanha, tendente a conseguirem uma oferta va-

ricos comentários que muito agradecemos.

Mais uma vez Gentil Marques, presta bom serviço à divulgação dos nossos anseios e auxilia a propaganda da construção da Praça de Touros de Montijo, com perfeita e muito desvanecedora camaradagem.

Obrigado camarada amigo, e oxalá não venha longe o dia em que como

hoje 81 anos, mas o seu espírito é jovem e lúcido, como no tempo em que ajudou a construir a velha Praça e onde num acidente partiu um pé. Tinha então 17 anos, mas recorda-o na sua carta com saudade e emoção.

E cita, com sabor muito popular, factos e datas, nomes e locais, os velhos e bons tempos da aficcionada Aldea Galega.



Planta da nova Praça de Touros

Telef. 026 208

**LATOARIA CENTRAL**

— de —

JOAQUIM ANTÓNIO DA SILVA

Embalagens em Folha de Flandres

Rua Almirante Reis, 77

MONTIJO

Sob a Presidência do Sr. José da Silva Leite, realizou-se na terça-feira 16 do corrente a reunião normal do município, a que assistiram além do Sr. Vice-Presidente, todos os srs. Vereadores em exercício.

Foram tratados entre outros os seguintes mais importantes assuntos:

### Deliberações

— A Câmara tomou conhecimento do ofício da Direcção de Urbanização de Setúbal, informando de que a participação do Estado para a obra de pavimentação das ruas do Bairro do Mouco, foi reforçada com a importância de setenta mil escudos.

— Conforme publicámos no último número, também a Câmara deliberou nesta reunião promover concurso público para arrematação da empreitada do alargamento da Ponte dos vapores.

— Foi também deliberado, por a Concurso o lugar de desenhador dos Serviços Técnicos da Câmara Municipal, conforme anúncio que noutra local publicamos.

— Finalmente a Câmara, deliberou, ouvidos os serviços veterinários, vender as muires incapazes para o serviço, aceitando a proposta de António Jacinto Soeiro, na importância de 5.000\$00.

### Obras e Licenças

Depois de ouvido o parecer dos respectivos Serviços Técnicos, foram APROVADOS os seguintes projectos: António Marques Branco (Alto das Vinhas Grandes); Santa Casa da Misericórdia de Montijo, para a construção de um Pavilhão para Tuberculosos, nos terrenos anexos ao Hospital; José Barreira (Afonsoeiro), Mundet & C.ª; António Luís Pereira Coutinho Salgado e Delegação da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, para a construção de um ossário no Cemitério Municipal.

Foi INDEFERIDO o projecto apresentado por Francisco Afonso.

Foram concedidas licenças de utilização a António Fernandes da Silva e Juvenália Gomes Pancão.

### Organizações

#### Progresso

AGENCIA PUBLICITÁRIA

Apresenta semanalmente, no Clube Radiofónico de Portugal, todas as 3.ªs feiras e sábados, respectivamente às 13 e às 22 e 15 horas o programa radiofónico

#### REVISTA DESPORTIVA

15 minutos em que fala do desporto e a favor do desporto. Produção associada de: Fernando de Sousa, Fernando de Lacerda e Veríssimo Alves. Brevemente novos programas e novas rubricas. Para a sua publicidade consulte

#### Organizações Progresso

Av. de Roma, 207, 3.º - Esq.º LISBOA



«ALENTEJANO» E «KIM»

APRESENTAM

# Labirinto

CHARADAS ≡ PALAVRAS CRUZADAS ≡ PASSATEMPOS

N.º 3

Correspondência: «LABIRINTO»

Redacção de «A PROVINCIA»

Dedicado ao primeiro ano de

«A PROVINCIA»

(1.º Aniversário)

## — CHARADAS —

(Epentética)

Na origem do jornal  
Eis a primeira passada!  
Bendigamos, afinal,  
A folha agora voltada. 2-3

(Apocopada)

Longa vida, só a rir,  
Da sorte seja a sentença  
Pr «A Província», no porvir,  
Sem haver uma detença. 4-3

(10 pontos por cada)

## — PASSATEMPOS —

I

— Cartões de Visita —  
(anagramas)

D. Nuno M. d'Eça Rey	Tito M. Ponta
Alvo R. Neta Vale	Dr. Calda Barão
Dr. C. Lupi Marquez	Moisés do Anjo A. Neto
Luso I. Bica Fino	Arlindo C. de Melo

Na impressão de cada um dos cartões de visita apresentados verificaram-se tantas «gralhas» que as letras dos nomes de 8 colaboradores de «A Província» estão misturadas.

Quais os verdadeiros nomes de esses 8 colaboradores?  
(1 ponto por cada)

II

Secções de «A Província»

## A PROVINCIA

CHÁVENAS IRREQUIETAS DA LEITURA

TEMPO QUÁSE VIDA

GABINETE AMARGO DO MINHO

PASSA CRÓNICAS E AUTORES

PORTA DE CAFÉ NA FEIRA

ABERTA DE LIVROS AO GUADIANA

8 títulos de secções, que «A Província» habitualmente insere, foram baralhados e deram os 6 que se publicam.

Quais são aqueles 8 títulos?  
(1 ponto por cada)

Prémio

Aos decifradores que melhor pontuação consigam no conjunto dos problemas publicados, serão oferecidos: — ao 1.º — um livro da interessante colecção «NOVELA».

Em caso de empate proceder-se-á a sorteio. As decifrações serão recebidas na nossa redacção até 21 de Março corrente.

AVISO

Tendo terminado no último dia 22 o prazo para a recepção das decifrações relativas ao n.º 1 de Labirinto, procede-se agora, ao respectivo apuramento. Do que houver, já no próximo número se dará conta.

## Chávenas de Café

quase amargo

Pelo Dr. Cruz Malpique

### Ciência aristocrática

Em ciência, como, aliás também em arte, a preocupação não deverá ver pretendermos descê-las até à nossa inferioridade.

Ciência e arte são aristocráticas e não é função do aristocrata descer. O inferior é que deve subir, até se sintonizar com o superior. A ciência, do mesmo modo que a arte, só se entrega àqueles que preferem subir até ela em vez de fazerem que ela desça até eles.

### História

Professor de história que afoga na multidão dos pormenores eruditos a linha mestra da evolução dos acontecimentos, falha na sua missão. O flagelo do ensino da história é o exagero das miudezas que apenas entulham o espírito, sem o iluminarem no exacto conhecimento da evolução das sociedades humanas.

Cuidado, pois! Não se sacrifiquem os acontecimentos decisivos, cruciais, às franjas, à farragem incarciferística e de nenhuma ressonância na vida social. Não sabe história quem mais erudições possui, mas antes quem mais inteligentemente liga os factos.

### Elogio do esquecimento

Esquecimento e memória, longe de se hostilizarem, podem beneficiar-se reciprocamente. Para se fixar o fundamental, as idéias-mestras, as directrizes, há toda a vantagem em esquecer a farragem dos pormenores inúteis, que apenas obstruiriam o espírito. O esquecimento das miudezas representa uma condição de vitalidade mental. Patológica a prisão de ventre, que tudo conserva, e nada larga. Patológica, também, a prisão de espírito—se este tudo arquiva indelévelmente. Ao contrário do que costuma dizer-se, o saber ocupa lugar. E evidentemente que o lugar ocupado pelas miudezas inúteis é roubado às idéias fundamentais.

### For ever!

Não sei agora que ministro afirmou que teve mais prazer no dia em que deixou a pasta do que no dia em que nela foi empossado.

Na verdade, há certos lugares que só são apetecidos enquanto a eles não subimos. Depois, lá na grimpada do comando, é que a gente se apercebe de como é melhor viver na planície da humildade. Não há, para apreciar os lugares humildes, como ter passado pelos furacões do comando e ilhas adjacentes.

A verdade, porém, é que meio-mundo prefere o cavalo que o derrube ao asno que o leve. De todos os tempos, e de todos os lugares. *For ever!*

## A semana histórica

Coordenação de  
Frei Agostinho de Penamacor  
FEVEREIRO

Dia 19—1649—Segunda batalha de Guararapes.

Dia 20—1576—Morre Estácio de Sá.

Dia 21—1809—Nasce o escritor e bibliófilo Conde de Azevedo.

Dia 22—1713—D. João Manuel de Noronha assume o cargo de Governador e Capitão General de Angola.

Dia 23—1849—Nasce no Foino a célebre actriz Rosa Damasceno.

Dia 24—1837—Nasce, em S. Mamede de Riba Tua, o escultor José Joaquim Teixeira Lopes.

Dia 25—1855—Nasce Cesário Verde.

Dia 26—1500—Nasce D. João de Castro.

Dia 27—1517—Morre Frei Bernardo de Brito.

Dia 28—1877—Andrade Corvo apresenta um projecto de lei autorizando o Governo a organizar as expedições de Capelo e Ivens e Serpa Pinto.

Dia 29—1824—É assassinado no Paço de Salvaterra, o Marquês de Loulé.

### José Teodósio da Silva

(Herdade)

Fábrica fundada em 1900 (em edifício próprio)

Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda water, Licores, Xaropes, Junipero, Cremes de todas as qualidades, etc.

Fabricos pelos sistemas mais modernos

6—Rua Formosa 8—Telef. 028204  
Montijo

## Gabinete de leitura

Cultura—N.º 1—Em nosso poder o primeiro número desta revista de artes, letras e ciências destinada à educação popular.

Muito cuidada na apresentação, insere boa prosa de autores consagrados, divulgando matéria de interesse e de útil cultura.

Felicitando vivamente o seu Director Sr. Dr. João Alberto Frazão de Faria, recomendamos aos nossos leitores a esplendida revista, apeteço-lhe muitos e bons anos de vida.

**Boletim Económico e Financeiro do Banco Português do Atlântico**—O primeiro número de Janeiro, continua a tradição dos anteriores, apresentando-se com matéria de interesse e marcando posição dentro dos seus objectivos.

**Política Nova**—Comemorou o seu 25.º aniversário, este prezado colega que se publica em Viseu, sob a Direcção brilhante do Sr. Armando dos Santos Pereira.

«A Província» apresenta sinceras saudações.

**Notícias de Gouveia**—Perfez 42 anos de existência o conceituado Semanário que vê a luz de publicidade em Gouveia, dirigido inteligentemente pelo Sr. José Almeida Mota.

Apresentamos cumprimentos.

## Grémio da Lavoura de Montijo

Convite a todas as pessoas interessadas no cultivo da terra.

As Federações de Grémios da Lavoura de Algarve, Ribatejo, Estremadura, Beira Litoral e entre Douro e Minho, entregaram ao Governo, três exposições, das quais se encontram neste Grémio da Lavoura, as cópias que podem ser lidas por todos os interessados que o desejem fazer.

Por essas exposições pedirem ao Governo providências para melhoria da situação aflitiva em que se encontra toda a lavoura, e porque se pede também que seja reposto o Ministério da Agricultura, alguns elementos já nomeados para as Direcções das Federações dos Grémios da Lavoura, resolveram levar a efeito mais um esforço no sentido de chamar a atenção do Governo para o que se passa neste sector; levando junto dos Ministérios o maior número possível de interessados no assunto.

A concentração far-se-há pelas 14 horas e 30 minutos no dia 7 de Março p. f., na Sede da Junta Nacional do Vinho (Rua Mousinho da Silveira, 5—Lisboa).

Após o encontro da Delegação das Federações com o Presidente daquele Organismo, todos os produtores deverão acompanhar a mesma Delegação que vai avistar-se com S. Ex.ª, o Ministro da Presidência e reforçar os seus pedidos.

Porque o assunto merece a máxima atenção; A Direcção deste Grémio da Lavoura, convida e aconselha todos os interessados a comparecerem no local, à hora combinada, a fim de manifestarem o seu apoio ao movimento na defesa da agricultura.

Montijo, 28 de Fevereiro de 1956

O Presidente da Direcção

a) António Joaquim Marques

**AUXILIANDO...** As charadas *epentéticas* derivam da *epéntese* gramatical. E como não constituem mais que o *inverso* das *sincopadas* («Labirinto» n.º 1), bastará dizer que se transforma em *adição* a supressão que aquelas exigem.

Conceberam-se, com base na *apócope*, as charadas *apocopadas* que são o *contrário* das *aféreticas* («Labirinto» n.º 2). Para as decifrar há, assim, que escolher um sinónimo da 1.ª parcial que, depois de *eliminada* a sua sílaba *final*, passe a constituir sinónimo da 2.ª parcial.

— Está? — Está Lá? — Daqui... «Labirinto»

J. B. O. PESTE (Lisboa)—Estamos-lhe especialmente agradecidos pela amabilidade do seu cartão. Dependemos do interesse dos amigos do jornal—portanto também do seu. Enquanto o houver... não marcamos passo.

F. L. PAIVA (Coimbra) e J. M. C. de OLIVEIRA (Montijo): — Igualmente obrigados. Contaremos mais vezes convosco, pois não?

# A PROVÍNCIA

APRESENTA:

## TEATRO-CINEMA

### O Cinema Português

O cinema português precisa de uma remodelação nos seus processos e nos seus temas. O método de produção usado até aqui já deu as suas provas. Um novo sistema de produção se anuncia para dar solução à crise. O ambiente é, contudo, muita confuso ainda. O que sabemos nós?

«Vidas sem rumo» de Manuel Guimarães, anda há dois anos nas latas de um distribuidor, ao que parece, incompleto, ainda. Da tentativa de Artur Semedo «O Dinheiro dos Pobres», cremos que as filmagens se encontram suspensas. Entretanto, Manuel de Guimarães, tão promissor em «Saltimbancos», tem em projecto a realização de uma comédia. Um dos nossos bons técnicos, Perdigão Queiroga, mantém-se no documentário e pensa filmar «Hilário» com Luís Piçarra.

Projectos, há-os aos montes. Fala-se, mesmo, numa produção luso-espanhola, coiorida e em cine-mascópio, «A última corrida em Salvaterra», a que estão ligados os nomes de Anibal Contreiras e Cesareo Gonzalez. De concreto, porém, só há a nova direcção da Tobis Portuguesa, que anda a estudar a possibilidade da produção contínua e do sistema de co-produção, ao que tudo leva a crer, com a Itália.

Industrialmente procura-se encontrar solução, base.

Tematicamente, reina, como sempre reinou, desorientação. Os bons exemplos, de Jorge Brum do Canto em «Canção da Terra» (1938) e «Lobos da Serra» (1942), de Armando Miranda em «Pão Nosso» (1940) e «Serra Brava» (1948), de Leitão de Barros em «Maria do Mar» (1930) e «Ala Arriba» (1942), que indicaram caminhos, revelaram a nossa paisagem e o nosso povo, em conflitos, cheios de verdade humana, de realismo e até de poesia, não foram seguidos. No entanto, é nesses que está a escola nacional, com as suas histórias singelas, os seus ambientes rústicos, a terra, o mar, o povo.

Não são as aldeias estilizadas de «As pupilas do sr. Reitor» (1935) de Leitão de Barros, de «João Ratão» (1940) de Brum do Canto, de «Aldeia da Roupa Branca», (1938) de Chianca de Garcia, que desejamos. Queremos verdade. Apesar de «Pão Nosso», de «Um grito na noite» (1948) de Carlos Porfírio e de «Planície Heróica» (1953) de Perdigão Queiroga, o Alentejo ainda não teve o seu grande filme.

E o Ribatejo? E o Minho?

A própria campanha de educação de adultos, não quiz fazer o fresco da luta

contra o analfabetismo e preferiu realizar documentários anedóticos e desprezíveis. E, no entanto, que grande filme não se poderá fazer na aldeia de homens rudes e incultos, onde a frágil regente de posto luta pelo ensino e pela educação.

O cinema português poderá ser justamente apreciado se se voltar para a terra e para o seu trabalhador, e captar a odisséia do campo neste cenário maravilhoso que é Portugal.

(Da Revista Portuguesa de Cinematografia «VISOR»).

## O TEATRO FRANCÊS



Alicia Markova e Serge Golovine em: «La Sylphide», «Ballets» Cuevas no Teatro dos Champs Elysees, em Paris

## FALA O MAX

Max, o ex-vocalista de orquestras de renome mundial disse-nos ao ser entrevistado para os nossos leitores:

— Estreei-me na Ilha da Madeira, terra da minha naturalidade, pois nasci no Funchal — a cantar fados na Esplanada «Praia Oriental», quando eu tinha apenas 14 anos. Em seguida fui contractado por Mr. Fred Johns, dono do Hotel Bela Vista, no Funchal, em 1945 para actuar como vocalista no conjunto Tony Amaral. Entre outras canções e fados fiz sucesso no samba Mickay Mouse;

mais tarde coube-me a sorte de ir inaugurar a «boite» «Flamengo» e após ano e meio de actuação nesta última, trabalhei com o mesmo conjunto, por conta de Fred Daniesk, em Lisboa cerca de um ano e sete meses, também como vocalista. Nessa altura quiz ainda o destino que eu viesse cantar no Clube Americano onde permaneci um ano e após um ano de ausência, retomei o meu lugar na orquestra do Restaurante Negresco, donde fiz algumas fugas para a «APA», facto este que fez com que eu me tornasse conhecido através das minhas canções «Balhinho da Madeira» e «A mula da cooperativa». D' aí para a Emissora Nacional e mais tarde para o teatro ligeiro, foi um pulo.

— Quais são os seus maiores êxitos?

— Além dos dois já mencionados, «Perdão» (fado), «Quero e não quero», «Fado da Madeira», «Rosinha dos limões» e o popularíssimo «Magala», «Sinal da Cruz», «Porto Santo», «Beijar-te assim» e «Perdida».

Foi assim que Max, o inimitável artista madeirense conquistou um lugar de des-

taque ao lado dos grandes astros da canção e da música internacionais no programa da Columbia, programa este que o artista me estende sem qualquer sombra de vaidade, enquanto se maquilha, entre dois números de revista, género



MAX

em que ele também é emérito.

A seu respeito a crítica disse: «Max entrou com o pé direito no teatro», na ocasião da sua estreia, e assim é.

Aníbal Anjos



Qual dos nossos leitores será capaz de localizar esta imagem e a insinuante artista, de um filme muito conhecido?

## Café Portugal

SALÃO DE FESTAS no 1.º andar — SALÃO DE BILHARES com Snookers

Serviço de Casamentos e Banquetes  
Com Salão Próprio

Praça da República

MONTIJO

# DESPORTOS APÊLO

## Futebol

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

A quantidade de ocasiões criadas justificam sem favor o resultado final

Montijo, 5 - Portimonense, 0

No campo Luiz de Almeida Fidalgo.

Árbitro: Sr. Alfredo Louro, de Lisboa.

Montijo: Redol; Anica, Barragon e Cacheirinha; Neto e Serralha; Fábrega, Mora, José Luís, José Paulo e Ernesto.

Portimonense: Daniel; António Luís, José Maria e João Luís; Pagola e Coelho; Jorge, Adelino, Rueda, Sequeira e Bezerra.

Estamos no final de mais um Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, altura em que normalmente todas as equipas que o disputam, já encontraram as formações que mais se adaptam aos requisitos exigidos e, por isso, não nos admiramos quando algumas equipas se apresentam desfalcadas de alguns aqueles que são considerados «Azes».

No Portimonense como no Montijo notou-se a falta dos chamados «Consagrados» mas só no que diz respeito ao Montijo nos podemos ocupar em pormenor, tentando dentro da melhor boa vontade esclarecer aqueles que por motivos vários não podem acompanhar de perto, como seria seu desejo, o desporto Montijense. Sabemos e conhecemos os males que afectam o futebol local e, dentro da maior compostura e lealdade, temos tentado com o nosso modesto ver, ajudar a pessoa que até aqui (e dizemos até aqui porque constou-nos que há intrusos) tem dirigido as equipas do clube. Fomos e somos de opinião de que ao treinador devem ser dados plenos poderes tanto na preparação como na formação das equipas, mas nunca desprezar a distância que separa um empregado de um patrão. No Montijo não de agora mas de quase sempre, essa distância não tem sido limitada, chegando a confundirem-se os cargos, sem sequer se reparar que alguns desles tentaram a sorte pela primeira vez. Ora nós sabemos perfeitamente que o treinador é quem sabe as armas que dispõe para melhor projecção e prestígio do seu trabalho, mais isso não impede que haja uma fiscalização para o julgar. Errar é próprio do homem. — E na honestidade, no zelo e competência dessa fiscalização, estaria a solução do grave problema. Quantas e quantas vezes os treinadores por razões que desconhecemos, estão cavando o abismo que os há-de tragar? Não acham que a fiscalização (mas honesta...) talvez fosse capaz de pôr cõrno no complicado problema? Isto é simplesmente um alvitre e se quiserem podem-lhe chamar (Fiscalização) ou outra coisa qualquer, desde que seja a BEM DO C. D. M. e em prol do Desporto Português.

A partida sem outro interesse além da classificação para a disputa de a Taça de Portugal, agradou principalmente aos desportistas Montijenses. Os seus elementos actuaram sem rodeios desnecessários, indo directamente ao fim — A vitória. Os remates partiam de qualquer ângulo e de qualquer distância, provocando um desgaste físico e moral no reducto defensivo adversário onde Daniel com paragens de boa marca ia sustento o embate.

No primeiro tempo ainda suportaram a avalanche, mas no segundo desmantelaram-se proporcionando aos visitantes um score que não traduz realmente a verdade — Podiam ser muitos mais.

Tal foi o domínio exercido. O Portimonense sem nuncase entregar, valorizou imenso a vitória alcançada pelos Montijenses, mas

a sua equipa em contraste com as formações anteriores, deixou muito a desejar. Uma possível crise atlética e prática do seu futebol, não são motivos para sobressaltos.

O Montijo alterou a função de algumas das suas pedras e Neto

reapareceu com o seu esplendor de grande futebolista — Desamarem-no (desculpem o termo) e terão nele o obreiro de muitos triunfos. Barragon parece querer-nos ajudar nas apreciações a seu respeito e para isso não se deve esquecer que é um atleta e que no lugar que ocupa, não pode hesitar. Se quiser trabalhar pode ser alguém no futebol. Paulo, Serralha e Fábrega, estiveram muito bem, tendo este último marcado 3 dos 5 golos da sua equipa. Ernesto e Paulo assinaram os restantes.

O Sr. Alfredo Louro, imparcial.

J. Canarim

Por absoluta falta de espaço só no próximo número publicaremos a secção

Columbofilia

## Basquetebol

1.ª CATEGORIAS

Naval, 51 - Montijo, 45

No ringue do Naval Setubalense e sob a arbitragem regular do sr. Hermínio Castro as equipas alinharam e marcaram:

NAVAL: Cruz (26), Resende (4), Silva (7), Pimenta (10) e Santos (4).

MONTIJO: Adriano (6), Adelino (1), Cepinha (3), Tomaz (26), Barreiras (4), José Rosa, Cosme e Pinto (5).

O cinco montijense, que este ano nos tem mostrado um pouco das suas verdadeiras possibilidades, conheceu no Domingo, ao cabo de quatro jornadas vitoriosas, o amargo sabor da derrota, frente a uma equipa que não lhe foi superior, mas sim beneficiada pela sorte do jogo, e ainda pela manhã feliz do seu jogador Cruz que marcou metade dos pontos da sua equipa.

No entanto os montijenses não jogaram o seu melhor, pois que a sua melhor arma, que é o contra-ataque foi desta vez, algumas vezes prejudicada devido à retenção de bola feita por alguns dos seus jogadores.

JUNIORES

Barreirense, 42 - Montijo, 17

A contar para o Campeonato Regional disputou-se no passado domingo, dia 26, no campo «D. Manuel de Melo», no Barreiro, o encontro acima que foi arbitrado pelo Sr. Frederico Sobral.

As equipas alinharam:

BARREIRENSE: Bravo, Jorge (10), Ferreira (13), Guilherme (4) Madeira (2) Soeiro (13) e Soares.

MONTIJO: Eliseu, Amadeu (2), Luciano, Heitor, Eliário (9) Teodemiro (4) José Maria (2) e Felipe.

(18 cestas e 6 lances livres transformados em 15 tentados para o Barreirense).

(8 cestas e 1 lance livre transformado em 6 tentados para o Montijo).

Ao intervalo 26-6.

Ao observar o resultado deste jogo, muitos poderão pensar e dizer: Jogo fácil para o Barreirense e para réplica do Montijo, Porém, tal não sucedeu.

Não há dúvida de que os juniores do Barreirense, há duas épocas consecutivas campeões nacionais, são consideravelmente superiores, mas também não há dúvida de que se o Montijo tem contado com a certeza de lançamento dos habituais marcadores o resultado seria outro.

Eliário esteve irreconhecível assim como José Maria e do facto se ressentiu a equipa. Já Teodemiro entregue a uma missão des-

gastadora não teve muitas possibilidades de alvejar o cesto, mas quando elas apareciam também não eram concluídas com a convicção desejada.

Globalmente a equipa deu razoável conta de si. Na defesa houve certas dificuldades pois o Barreirense com dois elementos de 1,90 cm. ganhava quase todos os ressaltos e só a extraordinária valentia de Heitor e Teodemiro impedia que aqueles elementos concretizassem mais.

Na transposição de jogo houve agradável movimentação, a natural habilidade de Eliário conduzia bons contra-ataques mas que foram sempre mal finalizados.

Ao segundo tempo a equipa utilizou o sistema homem a homem tendo resultado nítida melhoria de rendimento, mas que a deixou completamente arrasada por a escassa preparação a que está submetida não ser suficiente para o esforço físico que é necessário.

A arbitragem pode considerar-se de excelente apesar de um erro de palmatória sucedido no começo da segunda parte: As equipas começaram o jogo no mesmo campo onde jogaram o primeiro tempo e quando o árbitro deu por tal já havia um minuto de jogo. Concordamos, todavia, que é fácil de acontecer.

Luciano Mocho

O Desporto no Montijo, nomeadamente o Futebol, está atravessando um período, pouco compatível, com o nome e posição que a nossa Vila hoje ocupa no País. Não seremos nós talvez, a pessoa indicada para focarmos este assunto, no entanto tentaremos e algo há-de sair. Chegou-nos ao conhecimento que uma Comissão foi encarregada pela Direcção do C. D. M., de solicitar às empresas Fabris desta Vila o seu apoio financeiro. A Direcção que há pouco tomou a chefia dos destinos do Clube, é credora de toda a nossa admiração e confiança, porquanto sabia das dificuldades que ia encontrar, e, no entanto não hesitou no caminho a seguir.

Esperamos que a Indústria contribua e bem assim o Comércio geral. Apelamos, e confiamos sinceramente, para a vontade indómita de todos os montijenses, para que contribuam, dentro das suas possibilidades, afim de que o Desporto no Montijo não seja uma palavra vã, mas sim, uma realidade tal qual são as nossas Festas. É certo que a equipa de futebol do clube nas últimas jornadas, não tem cumprido, o motivo, de momento não nos interessa discutir, no entanto, não vem mal ao mundo, apelarmos para a dignidade dos nossos atletas, pedindo-lhes um cerrar fileiras, uma vontade sem limites, para terminarmos a época na melhor maneira e fazermos

acreditar «os descrentes» que, o que se tem passado, foi simplesmente uma quebra passageira, aliás, natural em qualquer parte. Tornar-se há impossível que todos se unam na mesma cruzada, se, a parte desportiva, portanto os atletas, não corresponder, porque se o fizer, cria naturalmente interesse pela causa e consequentemente tornará mais fácil a contribuição de todos os desportistas e até daqueles que porventura o não sejam.

Nesta conformidade, unam-nos todos, como um só corpo, ATLETAS e PÚBLICO em torno da BANDEIRA do nosso clube e façamo-lo MAIOR.

Um Desportivo MAIOR será também um MONTIJO EN-GRANDECIDO.

Artur Lucas

António

Fábregas

Embora já em nosso poder, só no próximo número poderemos publicar a resposta que o treinador do C. D. M. Sr. António Fábregas enviou ao nosso jornal, em consequência das considerações insertas no último número e da autoria do nosso colaborador Manuel Lino.

## Concurso de Prognósticos

7 concorrentes acertaram em 10 resultados

Maria Lucinda Mónica Marques, Travessa do Cais n.º 7; Anselmo António José Marques, Travessa do Cais 7; António Soares da Palma, Alto das Vinhas Grandes; José Pinto, Café Veimar; José António Gonçalves Parreira, Rua Serpa Pinto, 66-A; Américo José da Silva, Rua Joaquim d'Almeida, 21; Justiniano António Cardoso Gouveia, Rua Guerra Junqueiro, 16. Todos do Montijo.

ganhando os 300\$00 em compras que semanalmente oferece o nosso jornal

É agora atenção aos 1000 escudos para a próxima semana

Corte a cabeça deste cupão e guarde-o CUPÃO N.º 22

Concurso Prognósticos de Futebol de «A Província»

CORTE POR AQUI

Zona Norte		Zona Sul	
Vianense	Leões	Farense	Montijo
Tirsense	Chaves	Oriental	Arroios
Sanjoanense	Leixões	Beja	Portaleg.
Viseu	Espinho	Montemor	Elvas
U. Coimbra	Peniche	Juventude	Coruchense
Gil Vicente	Guimarães	Olivais	Estoril
Boavista	Salgueiros	Portimon.	Olhanense

Nome

Morada

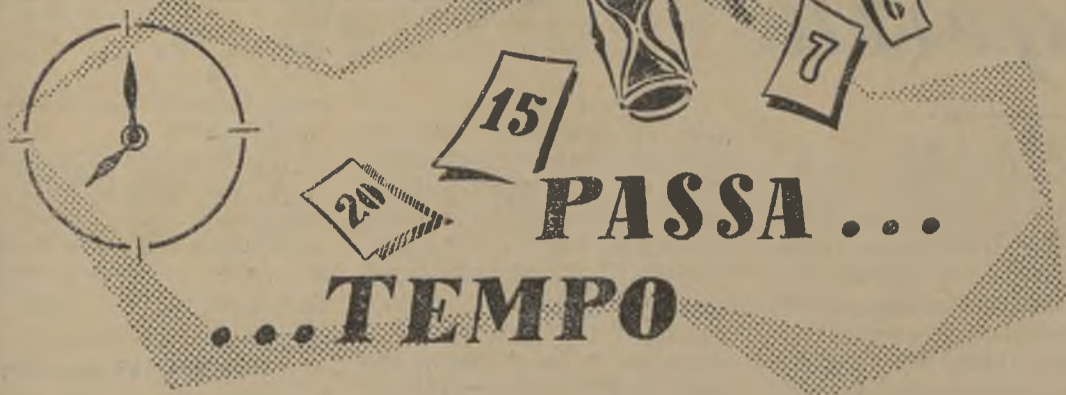
Localidade

«A Província»

Cupão N.º 22



José António Moedas  
APRESENTA



Respondendo à letra...

A história que a seguir se lê, apesar de já estar um pouco desactualizada, não deixa ainda de ter a sua graça. Por isso a inserimos:  
O caso passou-se durante a última Guerra Mundial.  
Um soldado americano enviado para combater na Europa, deixara em New York, uma rapariga, sua apaixonada, que na hora da abalada, ao dar-lhe a sua «foto», lhe jurara entre lágrimas que jamais amaria alguém que fosse ele.  
Qual não foi, o seu espanto quando passados alguns meses ele recebeu uma carta da sua amada nestes termos:  
«Mr. Jones:  
Decidi que não posso esperá-lo. O filho do banqueiro quer casar comigo e já me deu de presente um diamante e um casaco de peles. Peço-lhe, portanto, que me restitua a «foto» que lhe dei.  
Saudações cordiais. Daisy Smith».

O namorado iludido apanhou então todas as fotografias que lhe foi possível. Umhas de mães e avós, outras de artistas do cinema e teatro, de simples coristas, etc., e quando a colecção se aproximou das duas centenas, arranhou um embrulho e enviou-as à jovem, acompanhada de um carta, que rezava assim.  
«Menina Smith:  
Recebi a sua carta sobre a «foto». Não me lembro exactamente da sua fisionomia. Se a sua «foto» estiver entre estas, peço-lhe para retirá-la e restituir-me as outras.  
Saudações cordiais, Bill S. Jones».

Quem poda em Março, vindima no regaço.  
Fiandeira não ficaste, porque em Março não fiaste.  
Se queres bom cabaço semeia-o em Março.  
Água de Março pior é que a nódoa no fato.

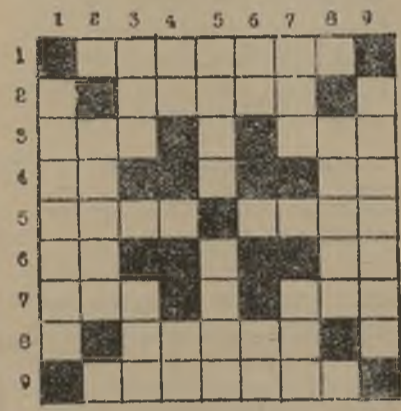
Adágios deste mês

Quem poda em Março, vindima no regaço.  
Fiandeira não ficaste, porque em Março não fiaste.  
Se queres bom cabaço semeia-o em Março.  
Água de Março pior é que a nódoa no fato.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 34

HORIZONTAIS: 1 — Calabre. 2 — Expressar por mímica. 3 — Membro de ave; gritos de alegria. 4 — Not. mus.; abrev. de reis. 5 — Preposição; verseja. 6 — Caminhava; viração. 7 — Lega; agarrei. 8 — Guarnecer da arcos. 9 — Equipados.



VERTICAIS: 1 — Ida. 2 — Trabalho feito à noite. 3 — Ablução em uso entre os turcos; rio suiço. 4 — Not. mus.; iniciais de um notável jornalista. 5 — Ave pernalta (pl); planta espinhosa angolana. 6 — Além; prefixo latino que indica direcção. 7 — Agora; anel. 8 — Pares. 9 — Queimaria.

Solução do Problema n.º 33

HORIZONTAIS: 1 — Betar; goiva. 2 — Ela; ola; nau. 3 — No; pal; tacos. 4 — Analoga. 5 — Pa; dr; so; mu. 6 — Lira; real. 7 — Era; mal. 8 — Cem; cre; eva. 9 — Irado; lavar. 10 — Trio; gala. 11 — Oasis; mares.  
VERTICAIS: 1 — Beneplacito. 2 — Elo; ai; erra. 3 — Tapa; remais. 4 — Andar; doi. 5 — Rolar; aco. 7 — Gatos; mel. 8 — Agora; aga. 9 — Inca; elevar. 10 — Vao; ma; vale. 11 — Auscultar.

Já sabia...

- Que a catedral de Notre-Dame de Paris começou a ser construída em 1163.
- Que na China, a cor de luto é o branco.
- Que Misanthropia é aversão à sociedade humana.
- Que o polvo tem oito braços.

Antologia da quadra

Por teus olhos negros, negros  
Trago eu negro o coração,  
De tanto pedir-lhe amores...  
E eles a dizer que não.

Almeida Garrett

Responda, se souber

- 1 — Quem disse: «os fins justificam os meios»?
- 2 — Quais são os principais componentes do leite?
- 3 — Quem escreveu o livro «Diário de um emigrante»?
- 4 — Quem foi o inventor da iluminação a gaz?
- 5 — Como se chama a substância que endurece o corpo da aranha de cruz?
- 6 — Qual o autor do livro «Quo Vadis»?
- 7 — E qual a sua nacionalidade?
- 8 — Quem venceu a última Volta a Portugal em Bicicleta?
- 9 — Qual o atleta português que detem o «recorde» do salto em altura?
- 10 — Qual o autor de «A marelhesa»?

Solução do número anterior

- 1 — Judaica.
- 2 — Piéta.
- 3 — Carlos Gomes.
- 4 — Aquilino Ribeiro.
- 5 — 1552.
- 6 — É a religião dos mulçumanos.
- 7 — A Africana.
- 8 — Robert-Louis Stenson.
- 9 — Rochefoucault.
- 10 — Confúcio.

XADREZ

Secção dirigida por Eng.º José Manuel Valagão Luz Clara e Ulpio G. Pereira

CURSO DE XADREZ  
Lição n.º 5

O valor e particularidades de cada peça

REI: — O Rei não é a peça mais poderosa, mas a sua captura define o final da partida. Por isso devemos ter sempre a máxima atenção na posição por ele ocupada de modo, a estar protegido contra qualquer ataque adversário. No início da partida o Rei, não se deve mover, excepto quando se roca, mas no final, uma vez, desaparecidas as principais peças, torna-se de grande utilidade quer no ataque quer na defesa. O Rei defende os peões e apoia eficazmente o avanço destes. É sempre perigoso trazer o Rei para o centro do tabuleiro, enquanto houver muitas peças em jogo. Por isso deve-se sempre forçar o adversário a perder o Roque, logo que tenhamos oportunidade para tal.  
O Roque é um movimento puramente defensivo; deve-se procurar sempre faze-lo logo nos primeiros lances. O pequeno roque é preferível porque é mais difícil desse lado o acesso das peças contrárias e a defesa nesse caso torna-se mais fácil. Contudo o grande roque

produz partidas mais vivas e difíceis.  
DAMA:— A Dama é a peça mais poderosa do xadrez. Nunca se deve entrar em jogo no início das partidas, pois a sua saída expõem-na a ataques do adversário de modo a que não se desenvolva as peças primordiais, ficando com o jogo preso e perdendo assim tempos, como se diz em linguagem xadrezista. Não se deve defender com a Dama o que pode ser defendido por uma peça inferior. É conveniente a troca das Damas, quando se está sob violento ataque, quando se tem superioridade de material ou quando essa troca melhora a nossa posição; nos finais das partidas a troca de dama por duas Torres não é desvantajosa.  
TORRE:— A Torre torna-se a peça de mais valor a seguir da Dama: no principio o seu valor é quase nulo, mas no final torna-se de grande utilidade.  
É uma grande força por as torres em jogo quando antes, mas é difícil faze-lo. As colunas abert

tas devem ser ocupadas pelas Torres sem perda de tempo; dobrá-las nessas colunas é de grande alcance e quando se dobra com uma na sétima fila é de tal modo vantajoso que se decide geralmente a seu favor a partida. Nunca se deve permitir, ao adversário, uma coluna aberta sobre o nosso roque.  
BISPO:— Tem o mesmo valor que o cavalo. Dois Bispos são sensivelmente superiores a dois cavalos; o mate com o rei e dois Bispos é fácil, mas com o Rei e dois cavalos é impossível. Considera-se o Bispo de Rei (BRI) um pouco mais forte que o RD, mas na prática este principio não tem nenhuma importância. Dois bispos colocados em diagonais contiguas adquirem poderosa força quer para o ataque quer para a defesa. No final um Bispo apoiado por um peão, torna-se numa posição de defesa mutua.  
CAVALO:— O Cavalo tem o valor igual ao Bispo. Esta peça é mais difícil de ser empregada. De-

de CIÊNCIA

No Limiar de um grande empreendimento

— A conquista da Lua será em breve uma realidade? Eis a frase que constantemente se ouve e que serve de base às vivas polémicas relativas ao problema-mor dos nossos tempos.

Desde remotas eras que o homem ansiava conquistar o espaço com um único objectivo: Voar. Porém o homem, poço repleto de ambições, depois de ver a primeira vontade satisfeita, mercê da conjugação dos seus esforços, quer agora algo mais que sirva de admiração para os vindouros: — Salir da atracção magnética da esfera Terrestre, conquistar o vácuo, e desvendar os mistérios do nosso Satélite.

São aqueles, mesquinhos e têm estes, jus à nossa admiração e apoio, porquanto nada há de mais sublime do que uma vitória sobre a adversidade. «Tem mais valor aquele que sofre uma derrota, porque tentou a vitória, do que os pobres de espirito que não conhecem nem vitória nem derrota, porque enfileiraram nas colunas do nada.»

Ter-se-há que colocar fora da zona da atracção magnética da Terra um satélite artificial.

Este satélite é composto de três plataformas, sendo a mais pequena a que gravitará no espaço. Será impulsionalada por motores de reacção tipo «ROCKET» pois com outros motores será difícil, senão impossível deslocar tão grande peso a tão grande distância. Tem ainda o motor Rocket a vantagem de não necessitar consumir oxigénio fornecido pelo exterior, pois que por isso leva já um depósito de oxigénio líquido (Comburente) e um depósito de álcool (Combustível).

Mais uma outra vantagem dos motores Rocket, é dispensarem qualquer apretecho eléctrico para ignição, pois que a função do álcool com o oxigénio líquido produzirá a inflamação necessária para uma perfeita combustão.

Uma determinada altitude, ainda dentro da órbita da gravidade Terrestre, e logo que o combustível dos motores que accionam os motores da plataforma inferior se consuma, esta separar-se-há da plataforma central e a sua aterragem será dirigida pelo radar.

Idênticas cenar se repetirão com as plataformas central e superior. Esta será separada daquela ainda dentro da zona da gravidade Terrestre; porém como a velocidade ascensional é enorme, continuará a sua ascensão até romper os últimos fluxos das linhas magnéticas emanadas do nosso Planeta, e acabará por parar naturalmente, ficando a gravitar no espaço.

Serve esta plataforma para desempenhar as funções de estação reabastecedora para os foguetões, pois como acima disse, cre-se impossível um raid directo da Terra à Lua.

A maior preocupação dos técnicos são os aerólitos que na sua louca correria pelo espaço, irão certamente chocar com a plataforma destruindo-a.

Haverá algum meio de evitar o choque desses vândalos do espaço com o satélite artificial construído pelo Homem? Conseguirá este vencer as adversidades enviadas pela Natureza? Parece-nos impossível, mas... confiemos no esforço do Homem e no auxílio de Deus.

Waldemar Pinto de Almeida

bastante vantajoso, desde que se possa protege-lo com uma Torre. Um peão isolado não tem muito valor pois será facilmente capturado, ou teremos que ocupar várias peças na sua defesa, com prejuizo para o Rei.

MOBILOIL  
O lubrificante dos campeões  
AGENTES EXCLUSIVOS  
Tamarca, L<sup>da</sup>  
Telef. 026 152 MONTIJO

## Divulgação

## Legião Estrangeira

Sinónimo de DISCIPLINA, JUSTIÇA e CAMARADAGEM

Outro dia, numa reunião de amigos, falou-se da Legião Estrangeira...

\* \* \*

Apesar dos esforços que nos últimos anos têm sido feitos para contra prová-lo, a Legião Estrangeira continua a estar, para muitos, coberta 'pelo manto sempre falso da lenda.

Existe, de facto, muita gente que tem deste regimento uma idéa positivamente errada: julgam-na um covil de assassinos e ladrões da pior estirpe. Talvez que os próprios legionários dela saídos tenham a sua quota parte das culpas. Contudo, não são eles os maiores culpados.

O grande contributo, para as fantásticas mentiras tecidas à sua volta, dão-nos as pessoas que, pelas mais inconcebíveis razões, deturpam a verdade em seus escritos.

Se uns dizem maravilhas, outros assentam arraiais na tragédia; havendo também os que, em menor número, tratam dos assuntos da Legião como se delineassem uma (deplorável) comédia teatral.

Em face destas opiniões absolutamente antipodas, duas identidades aparecem prejudicadas: o leitor e a Legião. Aquele porque não fica com uma noção exacta da Legião, e esta porque dessa noção errónea induzida aos leitores, nada lhe poderá vir em seu abono.

Isto porque a verdade, como quase sempre acontece quando dois adversários emitem pareceres, situa-se estável no meio termo. Nem a Legião é um antro de criminosos sem escrúpulos, nem uma «cidade modelo», onde todos são símbolos de pureza e a mácula não existe.

## Porque se alistam os homens

São das mais diversas e estranhas as causas que levam homens de todas as latitudes, a tomar análoga decisão.

Mas uma grande percentagem dos indivíduos que a compõem é constituída por refugiados políticos, que as guerras e revoluções, deixando sem abrigo, fazem convergir para ela. São homens que a política desgraçou.

Outrossim, muito se alistam porque quaisquer acontecimentos imprevistos lhes fizeram perder o gosto pela vida. Podem ser comerciantes falidos, banqueiros que o jogo arruinou ou simples amorosos a quem o excêntrico Cupido pregou alguma partida. Os motivos — já se disse — são estranhos e variados. Uma espécie de «cada cor seu paladar»...

Qualquer pessoa pode en-

trar na Legião sem contar a verdade a seu respeito. Pode não mencionar quando lhe perguntarem, as graves faltas que cometeu (se cometeu, evidentemente!), dando inclusivé um nome suposto, porque não será obrigado a revelar a sua verdadeira identidade. Pois claro que pode. Pode mas não deve. Mais tarde ou mais cedo a

Por

José António Moedas

verdade virá a aclarar-se por meio dum rigoroso inquérito que é feito a todos os novos alistados, pelos serviços Especiais de Investigação. Se mentir as probabilidades de ingresso diminuirão sensivelmente, e no caso de haver crime grave, a Legião regeitá-lo-á.

Os criminosos só são prejudiciais à causa do Regimento.

Não quer, no entanto, o sentido atrás exposto dizer que, entrar na Legião é coisa fácil, tão fácil como os livros de ficção e os filmes de legionários nos querem convencer. Bastando apresentar-se, dar um nome de pura invenção e, pronto: sou da Legião. Não, e a realidade anda bastante longe disso.

Os interrogatórios são demorados e sabiamente conduzidos. A verdade não deve atraiçoar-se e o indivíduo tem toda a conveniência em falar com franqueza e à-vontade da sua vida. Se tiver faltas é confessá-las *ex professo*, sem vergonha nem temor algum. Nada do que disser será revelado seja a quem for e donde for. Os arquivos da Legião são tão secretos sabendo tudo, como o seriam se nada soubessem.

Depois de tiradas as impressões digitais e fotografias, dar-lhe-ão para ler e assinar, o contrato que o ligará por um período de cinco anos ao glorioso «Regimento dos Aventureiros». Nesse documento o novo legionário afirma que se alista voluntariamente obedecendo sem réplicas de qualquer sorte e da melhor vontade a todas as ordens dadas pelos seus superiores.

Posto isto, submetem-se a uma promenorizada inspecção médica. A Legião Estrangeira, porque tem de manter sempre as honrosas tradições unicamente quer nas suas alas homens de boa pujança atlética, fortes, decididos, corajosos e cuja moral não esteja afectada por algo de grave, não remido.

Uma nova vida começa...

Dentro em pouco se iniciará a recruta. Sidi-Bel-Abbés, famoso quartel ge-

neral da Legião espera-o, para lhe transformar completamente o corpo e a alma. Uma transformação que virá a beneficiar o homem.

Doravante e até chegar o dia — ansiosamente esperado — em que, depois de prestar solene juramento de «*Honneur et Fidélité, Valeur et Discipline*», recebe o lendário «quépi branco», só então podendo considerar-se legionário *de facto*, os oficiais terão de trabalhá-lo como se fora estátua inacabada que o escultor quis terminar. Toda a preparação física e moral lhe será adestrada. Durante esse tempo o trabalho impera. O Trabalho e o Deserto.

Quando o prazo findar, o passado foi uma nódoa que desapareceu. O «fato» está novo e limpo. Importa que se não volte a sujar. A Legião que desde a sua fundação tem velado pelos seus «filhos» se encarregará de o evitar.

## Como nasceu a Legião e a origem do 30 de Abril

A Legião foi constituída em 1831, pelo soberano francês Luís Felipe, motivada pela guerra que o seu país travava nesse tempo com a Argélia. Ao fundar este Regimento de estrangeiros o rei teve em vista «salvar» os seus soldados das traiçoeiras guerras coloniais. De início, cada batalhão era formado por legionários da mesma pátria, todavia isso suscitava aceras rivalidades e a melhor medida foi misturarem-nos todos. Assim se avivou mais o «espírito da equipa». Esse espírito que havia de dar brado em tantas campanhas como Tonquim, Diem-Bien-Phu, Marrocos e Camerone.

Pusemos esta — que foi das primeiras — em último, porque dando origem à Festa Anual da Legião, merece que falemos dela um pouco mais premonitorizadamente.

Corria o 30 de Abril de 1863.

Enquanto que em outras paragens do Globo mais um dia idêntico a tantos outros — as mesmas alegrias, os mesmos pequenos dramas — passava, no sítio de Camerone, a poucos quilómetros da capital mexicana, algo de tumultuoso revolucionava a quietude do solo. Ali, em pleno campo, entre dois partidos, ardorosa luta se tratava. Nela se batiam heróicamente, contra 2.000 mexicanos bem apetrechados, 60 representantes da Legião. A luta era lhes numericamente desfavorável, porém esses bravos, à frente dos quais se encontrava um homem a quem faltava um braço — Capitão Anjou —, preferiram os horrores da

## Problemas do Homem Tranquilo

(Continuação da página 3)

Teríamos que pensar também numa sensível baixa de custo dos terrenos para construção e dos respectivos materiais, para tornarmos em realidade, com eficientes probabilidades de êxito, habitações higiénicas e económicas. Temos que pensar a fundo em que a renda da casa absorve hoje em dia o melhor dos magros ordenados dos portugueses.

Como medida para assegurar o primeiro caso (baixa no custo dos terrenos), acabar-se-ia com os espectaculosos leilões, que só a uma entidade, verdadeiramente, aproveitam, e procurar-se-ia cedê-los por um preço justo, não aos construtores oportunistas, mas àqueles cuja seriedade de trabalho e de processos estivesse ou pudesse ser confirmada. Os seus lucros ou perdas exageradas dariam lugar a uma compensação justa do capital

chacina à vergonha da rendição em massa.

A peleja continuou pelo dia fora em desigualdade cada vez mais acentuada. Vendo que os seus valerosos adversários se não rendiam, os mexicanos lançaram fogo ao local onde eles, já cercados, se albergavam. O fogo espalhou-se lesto, mas antes que tudo devorasse, uma voz se elevou no espaço. Dizia ela: «Render-nos-emos se os mortos receberem as honras militares e os vivos se possam retirar armados».

Os mexicanos resolveram aceder e momentos depois, viram, com grande pasmo, sair daquele imenso brazeiro um cabo e dois soldados, tudo o que restava da guarnição. O general azteca soltou espontaneamente esta frase de elogio: «Vocês não são soldados; são demónios».

Em honra a esta bravura e valentia, ergue-se ainda hoje nesse lugar, o Monumento Camerone.

Também nessa data, nenhum legionário esteja onde estiver, deixará de ouvir em religioso silêncio a narração do massacre. Depois disto, o dia é livre. Não há ordens a cumprir. Festa é festa. E o 30 de Abril só vem uma vez no ano...

## Disciplina e camaradagem, dois segredos da Legião

Legião Estrangeira é sinónimo de Disciplina, de Camaradagem, de vontade férrea e de muitas outras coisas mais que constituem essa tão famosa como lendária Organização, cheia de vibrantes páginas doiradas. Todo o homem de quépi branco sabe bem qual o verdadeiro significado dessas palavras.

«A Disciplina sendo a força principal da Legião é indispensável que qualquer

e do trabalho empregado nas edificações.

Conseguidas estas primeiras conquistas, fácil seria procurar obter outras que visassem o mesmo fim; a elevação do nível de vida e consequente bem estar para todos.

José dos Santos Marques

Antiga loja do Silva Afaiate

DE

J. C. Figueiredo Diniz

FANQUEIRO  
RETROZEIRO  
CAMISARIA  
FATOS FEITOS

SEMPRE NOVIDADES

Rua Joaquim d'Almeida, 1-3

Rua Machado Santos, 2-4

Telef. 026221-MONTIJO

superior obterha dos subordinados uma obediência cega e uma submissão sem limites; as ordens devem ser executadas sem hesitação e sem réplicas. A responsabilidade cabe à autoridade que as dá e não é permitida qualquer reclamação a um inferior, senão depois de ter obedecido».

Não se pode perder ou roubar qualquer peça do equipamento sob pena de grave castigo. Também a deserção é gravemente punida. E se o facto se der em campanha o fuzilamento será inevitável.

Se alguém conseguir a fuga com êxito, a Legião não o olvidará. Mesmo que muitos anos rolem sobre o facto um dia acabarão por descobri-lo, talvez quando menos o esperarem.

Durante a sua permanência no «Regimento dos Aventureiros» todos lidarão de perto com muitas palavras como: coragem, brutalidade, loucura, horrores, mas sobretudo uma, que parece querer abolir-se dos nossos dicionários contemporâneos, lhe ficará gravada para sempre em seu espírito — Camaradagem.

É nessa palavra tão complexa que reside parte dos segredos das regenerações que a Legião tem operado. Essa transformação radical que aí sofrem todos os homens, incluindo os tais criminosos que muitos julgam e outros teimam, ser o símbolo da Legião. Ela é uma fonte regeneradora para aqueles que ainda não perderam o minino necessário de boas qualidades.

Sim, porque para os que já não as possuem, não serve a Legião, não servem Reformatórios, tampouco as Penitenciárias.

Para esses só a tumba em sua altura, os poderá transformar.



# do Minho ao Guadiana

## Homenagem ao Presidente do Município de Sesimbra

(Continuação da página 2)

lho, num belo improviso, em palavras de sinceridade, exprimiu-lhe a muita simpatia pelas suas qualidades pessoais e pela valiosa obra realizada em prol de todo o seu concelho. Obras assim, — disse o orador —, é só próprio de quem tem fé, pois só esta faz remover todas as dificuldades, incluindo a de transformar e remover montanhas. *(Muitas palmas)*.

A seguir, visivelmente emocionado, o Sr. Engenheiro Roquete leu um bem redigido discurso de agradecimento. Lamentamos que, por falta de espaço, o não possamos transcrever na íntegra. Resta-nos, ao menos, a consolação de termos o prazer espiritual de o termos guardar entre outros, para nós tão notáveis, quer pela sua prosa vernácula, quer pelas afirmações nele proferidas, que bem revelam, pela maneira honesta e franca, a grandeza da alma de quem as proferiu. Depois de agradecer a homenagem de que era alvo, passou em revista a uma rápida apreciação de obra municipal, levada a efeito durante estes oito anos, a que ele tem presidido aos destinos do concelho sesimbrense. Sua Ex.<sup>a</sup>, cada vez mais sensibilizado, disse aceitar esta manifestação como voto de confiança à forma e maneira como o município tem desempenhado o seu mandato, na orientação dos destinos do concelho *(apoiados)*. Acrescentou:

«Com a presença de todos nós, bem pode dizer-se que o Município sesimbrense se reuniu hoje à volta da sua Câmara Municipal, numa clara e vigorosa manifestação dos interesses comuns

que nos seguram a este canto adorável de Portugal, numa admirável afirmação das forças que a todos vinculam a estas terras e a estes mares, e são as alavancas dos nossos ideais pelo progresso e bem-estar de Sesimbra. Se todos aqui estamos por bem, na nobre casa sesimbrense, Deus permita que esta identificação entre Municípios e Câmara que de forma tão significativa e extraordinária se acaba de assinalar, perdure pelos tempos fora e possa sempre conceder aos homens sobre cujos ombros recai a honra da sua representação e administração a grande ventura que hoje me cabe».

O Sr. Engenheiro Roquete recordou as horas felizes e amargas no exercício das funções, «sempre passadas na ânsia de alcançar o bem-estar para este povo e para esta terra, a quem os anima «sentimentos que se traduzem e vivem no temor a Deus e veneração pelos símbolos sagrados de nossa fé: na Senhora da Arrábida, Senhora da Luz, da Consolação do Castelo, do Cabo Espichel, e do Senhor Jesus das Chagas de Sesimbra.

«Sentimentos que vivem no trabalho para o pão de cada dia, com os olhos da alma e do coração dirigidos para os filhos e para todos os que nos são caros, trabalho persistente e heróico, a cultivar a terra e o mar; trabalho nas pedreiras e nas minas, trabalho nas oficinas e nas fábricas, na indústria e no comércio.

«Sentimentos que revivem, quando, olhando os padrões imortais de glórias passadas, melhor compreendemos a nossa história e mais esti-

mamos pertencer à Pátria Portuguesa.

«São estes sentimentos — disse — que não sofrem diminuição até mesmo quando o mar nega as mais pequenas esperanças, a semente lançada à terra não se multiplica, ou o trabalho escasseia, tornando amarga e mais dura a vida, são estes sentimentos, dizia, manifestados em todos os dias da vida sesimbrense e transmitidos de geração em geração até à nossa, a génese magnífica da instituição secular dos Municípios».

Ao pronunciar estas palavras, deveras emocionado, o orador não pôde evitar que duas grossas lágrimas lhe caíssem dos olhos. A assistência sublinhou as palavras do Sr. Engenheiro Roquete com uma quente, sincera e delirante salva de palmas.

Após esta manifestação, foi S. Ex.<sup>a</sup> cumprimentado pelos representantes da imprensa, que lhe foram apresentados pelo enviado especial de «A Província». Em seguida, o Sr. Engenheiro Roquete assomou a uma das varandas, voltada para o largo que nessa altura se encontrava apinhado de gente.

A multidão, ao avistar S. Ex.<sup>a</sup>, ergueu braços e mãos em ogiva e dispensa-lhe uma prolongada salva de palmas. Após estas manifestações, começou o desfile das deputações das várias colectividades recreativas e desportivas, instituições de beneficência, organismos económicos, Casa dos Pescadores, Mocidade Portuguesa, com os seus estandartes e galhardetes, Legião Portuguesa, com os seus

guiões, estandartes e clarins, Liga dos Combatentes da Grande Guerra, alunos das escolas primárias, protegidos da Escola de Santa Joana, Bombeiros Voluntários, etc..

Às 20,30 horas, no salão de «Vila Amália», foi servido um banquete, onde se encontravam mais de 200 talheres, ao qual presidiu o Sr. Governador Civil de Setúbal, Dr. Miguel Rodrigues Bastos que tinha, à sua direita, o homenageado e, à esquerda, a Sr.<sup>a</sup> D. Hermínia Roquete. Durante o repasto, que decorreu na maior animação, fizeram-se diversos brindes, enaltecendo a obra e as virtudes do homenageado. Aos brindes, ouvimos o Sr. Dr. Manuel Cabrita R. da Cruz; Dr. Falcão Machado; prof. Amável de Andrade de Sousa; Ramiro Marques; Dr. Fernando Lopes que leu uma mensagem do povo de Sesimbra, escrita em pergaminho com iluminuras, Dr. Leopoldino de Almeida, Delegado Provincial da M. P. da Estremadura; Artur Maria da Silva Costa; Padre Gonçalves de Carvalho; Dr. António da Costa Marques, P.<sup>e</sup> José de Freitas; Manuel dos Santos Leite e Dr. Varela Cid.

No decorrer do banquete, foram oferecidas ao homenageado várias lembranças, nomeadamente um relógio e bolsa de ouro, do povo de Sesimbra; uma salva de prata da Delegação Provincial da Estremadura da M. P.; uma cigarreira e foforeira de prata dos professores primários do concelho, e um emblema de bronze da M. P. local, etc.

Foi ainda entregue ao homenageado um diploma que o nomeia sócio honorário do Clube Sesimbrense.

Neste dia, o homenageado recebeu imensos cartões, cartas, telegramas e telefonemas. De entre eles, destacamos os dos srs. Capitão Joaquim Pinto Braz, comandante da Polícia na Índia, Duque de Palmela, Dr. Francisco Correia Figueira, Dr. Manuel Espírito Santos Silva, D. Manuel de Bragança, Eng.<sup>os</sup> Calheiros Lopes e Manito Torres, Dr. Filipe Charters de Oliveira, P.<sup>e</sup> Carlos Veríssimo, Carlos Loureiro, Pres. da Câmara de Almada, etc.

A assistência deliberou enviar um telegrama de apreço ao Sr. Comandante da Polícia da Índia e bem assim ao Sr. Ministro do Interior.

Encerrou a série dos brindes o Sr. Governador Civil, que exaltou a pessoa e a obra do homenageado.

Disse congratular-se com a sinceridade e com a emoção com que a festa decorreu, do princípio ao fim. Teve palavras da maior simpatia para com a senhora D. Júlia Braz de Oliveira, mãe do homenageado. Terminou por manifestar, quanto se sentia feliz por louvar o alto espírito cívico do povo de Sesimbra que, à frente dos seus destinos, têm um homem da envergadura, o Sr. Eng.<sup>o</sup> Roquete, a quem deseja, na continuação da sua magnífica obra, os melhores resultados. *(Palmas e apoiados)*.

No final, o Sr. Governador Civil abraçou o homenageado. *(Muitas palmas)*.

O Sr. Engenheiro Braz Roquete, muito comovido, agradeceu a todos os oradores as palavras amáveis que lhe dirigiram. Nas suas palavras exaltou a obra do Sr. Governador Civil, não só como deputado e antigo presidente da Câmara de Setúbal, mas ainda como actual Governador Civil. Saudou também o Sr. Presidente do Concelho, depois do que afirmou que não desanimará na sua acção em benefício de todo o bom povo de Sesimbra e seu concelho.

A assistência tributou-lhe, por fim, uma calorosa e emocionante salva de palmas.

**Prof. José Manuel Landeiro**

Folhetim de «A Província»

N.º 45

### O segredo do espelho

por  
*Augustus Muir*

Regressei pelo mesmo caminho ao corredor. O silêncio começava a ser interrompido imperceptivelmente à medida que avançava. Um barulho, como um surdo martelar, vinha do lado esquerdo do castelo.

Pensei em seguida no quarto de dormir de Félix Swinburn, e parti às apalpadelas pelo corredor.

O barulho parou durante alguns momentos, depois continuou, entoando o ar com os seus ecos profundos.

À medida que eu avançava as pancadas paravam com mais pausa. Um raio de luz, passava através do quarto do meu avô.

Perguntei a mim mesmo quem ali poderia estar e o que se passava.

Uma tensão nervosa das mais penosas se produzia em todo o meu ser.

Só então reparei que estava sem qualquer arma e o que não era nada bom, para me incutir confiança. Mas

era muito tarde para bater em retirada, mesmo que eu o desejasse.

Foi o medo de ficar ali pegado ao soalho, no meio do corredor e em profunda escuridão que me fez tomar uma resolução desesperada.

Continuéi a avançar pelo corredor, encostado à parede, mas esbarrei a certa altura com uma arca de carvalho que ali se encontrava.

Acalmei-me rapidamente, o barulho tinha sido muito ligeiro, mas o suficiente para advertir da minha presença, porque a luz se apagou em seguida.

Houve então um longo intervalo silencioso. De momento pareceu-me interminável. Reprimi a respiração e se poderes tinha feito parar o coração tão fortes eram as suas pancadas, que me

parecia ser impossível não se ouvirem em todo o castelo.

Qualquer que fosse a resolução, tinha que agir. Compreendi que não havia tempo a perder.

Segui pelo corredor e parei perto da porta. No escuro a minha vantagem era igual à do adversário.

O perigo era que uma lâmpada eléctrica viesse subitamente iluminar-me, e se o homem estivesse armado eu estava à sua mercê.

Entreí no quarto vagarosamente. Fiquei imóvel esperando o mínimo movimento que se produzisse.

As janelas estavam fuchadas e a escuridão era total.

Enquanto me conservava colado à parede numa imobilidade complexa o meu espírito trabalhava febrilmente.

Pela mente perpassavam-me as imagens de meu avô morto naquele quarto e dias depois o corpo de «Mister» Paul, com a garganta atravessada pelo punhal.

Num instante um horrível calafrio de medo me percorreu o corpo, e foi preciso um enorme esforço para reagir.

Como o silêncio continuasse a suspeita de que estava só no aposento tornou-se uma certeza e aventurei-me a acender um fósforo que levantei por cima da cabeça.

Tinha com efeito razão.

O quarto estava vazio.

Num rápido olhar descobri a causa do barulho que tinha ouvido.

*(Continua)*

# MONTIJO

## Vai-se preparando para as Festas de 1956

Uma entrevista oportuna com o dinâmico presidente da «Comissão de Festas» Sr. Humberto de Sousa

Se a Praça de Touros se fizer . . . então sim . . . teremos as melhores Festas de Portugal



Um aspecto das Festas de S. Pedro no ano de 1955

É sem sombra de dúvida que podemos integralmente afirmar, possuímos as mais belas e típicas festas entre todas as que se efectuam no Sul do País.

Nenhum Montijense poderá já mais alegar o desconhecimento do alto valor que ao progresso comercial do Montijo, dão as Festas de S. Pedro, dada a inúmera afluência de forasteiros, que quase esgotam tudo o que de útil cá se vende.

Creio que têm satisfeito até aos mais exigentes, os variados números que nos anos anteriores se têm apresentado.

Quisemos saber se, as festas este ano, teriam o brilho dos anos anteriores e, por esse motivo entrevistamos o Sr. Humberto de Sousa a quem as festas muito devem a sua repercussão pelo País e pelo Estrangeiro.

Ao declinarmos-lhe que eramos de «A Província», imediatamente se prontificou a dar-nos todos os esclarecimentos necessários, que ao seu alcance estivessem.

— Pensa, Sr. Humberto de Sousa, que as Festas de S. Pedro atingirão este ano um grau de esplendor semelhante ao dos anos anteriores?

— Sim, penso que as Festas de S. Pedro do corrente ano decorrerão com o brilho das anteriores e posso afirmar-lhes que a Comissão está trabalhando no sentido de as melhorar até nalguns pormenores. Já se tornou

público de que este ano teremos mais uma sessão de fogo, atendendo a que as Festas foram aumentadas de mais um dia. No passado ano deslocámos 17 Bandas de Música e no corrente ano o número de Bandas é de 20, número nunca igualado em qualquer outra Festa. Nas ornamentações e iluminações, também contamos apresentar melhoramentos que a todos satisfaçam. Es-

são procura melhorar o programa em tudo o que seja possível.

— Segundo o seu parecer, qual a opinião pública acerca da construção da Praça de Touros de molde a poderem dar-se corridas por ocasião das Festas?

— Estou convencido de que a Praça de Touros é um facto, pois sempre tive a maior confiança na respectiva Comissão. Não há

de oferta, cedendo o terreno onde a Praça será edificada e estou certo de que fará o que estiver ao seu alcance. Todas as boas vontades poderão não chegar para que possamos contar com a Praça para as próximas Festas, em virtude de nos encontrarmos a poucos passos da sua realização. Contudo... confiemos e aguardemos com calma.

— Receberam alguns al-

para o ano corrente. Forçados a aumentar as Festas em mais um dia, para se poder contar com um Domingo, esse aumento originou encargos de certa monta, que junto a outros com vista a melhorar alguns pormenores, como já foi dito no princípio desta entrevista, deram à Comissão o ano de maiores responsabilidades. Mas devo dizer-lhe também que essas responsabilidades foram criadas mercê da confiança que a Comissão das Festas deposita em toda a População Montijense, da qual espera a melhor ajuda possível. Só com uma absoluta conjugação de esforços, se poderá manter o brilho das nossas Festas, hoje consideradas das melhores que se realizam em todo o País. A Comissão vai em breve iniciar a recolha de donativos, solicitar que ornamentem carros para a Batalha de Flores, etc. E' a altura de todos demonstrarem o seu amor pelas Festas e pelo Montijo, colaborando com a Comissão na melhor forma que lhes for possível. E não quero terminar sem tornar público o reconhecimento da Comissão para com o jornal «A Província», que tem dado às Festas o melhor amparo, colaborando sempre em todas as nossas iniciativas, com a melhor das boas vontades. Para o jornal «A Província», os nossos desejos de muitas prosperidades.

\* \* \*  
E foi assim que a nossa entrevista terminou.

Cumpre-nos agora repetir as palavras do Sr. Humberto de Sousa:— Só com uma absoluta conjugação de esforços se poderá manter o brilho das nossas Festas. — Se é que sentimos prazer e orgulho de nessa quadra sermos visitados por milhares de forasteiros, se é que nos embevecemos ao contemplarmos as artísticas ornamentações das ruas e nelas assinalamos a nossa presença, compartilhando na omnimoda alegria que entre nós grassa, devemos dar portanto o nosso tributo moral e material para assim erguermos bem alto, a padrão do nosso bairrismo.

W. Pinto de Almeida



tamos também entabulando negociações com o Rancho Folclórico de Santa Marta, de Viana do Castelo. Trata-se de um Rancho vencedor de vários concursos e com grande categoria. Para que haja possibilidade de este Rancho nos mostrar todo o seu fino e vasto repertório, está previsto estar entre nós dois dias, a fim de nos proporcionarem três exhibições. Como vê, a Comis-

dúvida de que a Praça é uma necessidade absoluta para as nossas Festas. Por melhores que elas sejam, é sempre apontado o senão da falta da Praça. No dia em que as Festas possam incluir corridas de touros, poderemos afirmar sem qualquer receio de que ninguém tem Festas melhores que as nossas. Sobre se está ou não pronta para as Festas do corrente ano, nada me é possível esclarecer, por não ter nesta altura informações que a tal me habilitem.

— Já que lhe falei acerca da Praça de Touros, cre que o Povo Montijense bem como as Autoridades, colaborarão de forma a termos a Praça concluída para as Festas deste ano?

— Creio em absoluto na boa vontade da População e bem assim das Autoridades locais na construção da Praça de Touros. Quando a população se convencer de que a Praça é um facto, a Comissão será certamente muito ajudada, pois trata-se de uma iniciativa que conta com a simpatia geral. A Câmara Municipal já também deu um bom exemplo

vitres para alterações referentes à ornamentação das ruas?

— Recebemos várias sugestões sobre as Festas. Algumas, idéias de aproveitar, que a Comissão ainda não estudou em definitivo. E' possível que em breve se possam tornar conhecidas as sugestões aprovadas.

— Com a construção da almejada Praça de Touros cre que as Festas atingirão este ano um número «record» de forasteiros?

— Se a Praça estiver pronta, creio que o número de forasteiros atingirá o máximo verificado até hoje. Viriam todos, os que habitualmente se deslocam às nossas Festas e ainda os aficionados da «Festa de Touros» atraídos pelos bons programas que a Comissão apresentará na inauguração da Praça.

— Que mais acha oportuno para nos dizer acerca do programa das Festas?

— Sobre o programa, propriamente dito, pouco mais por enquanto lhe poderei adiantar. Quero porém falar-lhe das responsabilidades que a Comissão criou, pela força das circunstâncias



Um aspecto das Festas de S. Pedro no ano de 1954